

A MOTIVAÇÃO ALTRUÍSTA NA ESCOLHA PROFISSIONAL ENTRE ADOLESCENTES ALUNOS EM ESCOLAS CONFSSIONAIS

Haller Elinar Stach Schünemann

Resumo

O altruísmo é uma motivação valorizada dentro do referencial religioso. A escolha profissional consiste em um dos momentos mais difíceis do adolescente de classe média. Este estudo verificou qual a influência da formação religiosa em adolescentes de classe média estudantes de escolas confessionais, com ênfase no ensino religioso na escolha profissional e quais as profissões que estes adolescentes identificavam com uma motivação altruísta. Os resultados indicaram que o grau percebido de influência da religião na escola profissional é, no conceito dos adolescentes, pouco relevante. As profissões mais identificadas com o altruísmo foram as carreiras biomédicas, com o grande destaque para a carreira da Medicina. Dentre as justificativas apresentadas para a escolha profissional, pode-se identificar que os adolescentes estavam entre o estágio 2 e 3 do modelo de desenvolvimento do altruísmo de Krebs e van Hesteren.

Palavras-chave: escolha profissional, adolescente, altruísmo.

THE ALTRUIST MOTIVATION IN PROFESSIONAL CHOICE IN ADOLESCENTS STUDENTS OF CONFSSIONALS SCHOOLS

Abstract

The altruism it's a motivation valued in the religious context. The professional choice is one of the most difficult situation in the middle-class teenager's life. This study verified what is the influence of the religious background in the middle-class teenager student of religious schools with emphasis in the religious teaching concerning professional's choice and which careers these teenagers identified as an altruist motivation. The results indicated that the religion's influence levels in the professional choice, is according to the students scarcely relevant. The professions most related to altruism were the medical career, whit great emphasis in Medicine. Among the reasons given for professional choice we can identify that the adolescents were between stage 2 and 3 of Krebs and Van Hesteren altruism development model.

Key-words: professional choice, adolescent , altruism.

Introdução

A escolha profissional é, para muitos adolescentes de classes sociais favorecidas, um momento difícil, pois diversos fatores sociais interferentes contribuem para criar conflitos. Um tipo comum ocorre quando o interesse pessoal ou a aptidão percebida pelo adolescente aponta para atividades profissionais diferentes da expectativa social. Dentro do amplo leque de profissões liberais, provavelmente, algumas são mais aceitáveis, na perspectiva religiosa cristã conservadora, do que outras. Sendo assim, pode-se levantar a hipótese de que o adolescente exposto a uma formação religiosa cristã conservadora na família e/ou na escola deve apresentar alguma seletividade na escolha profissional. Procurando relacionar a escolha profissional com os sentimentos de altruísmo, a pesquisa tem como objetivo identificar se o discurso altruísta e pró-social da religião cristã exerce influência perceptível na escolha profissional. Apresenta-se, primeiramente, o significado da escolha profissional para o adolescente; depois, a perspectiva psicológica do altruísmo e, por fim, os resultados da entrevista dos adolescentes.

A Escolha Profissional

No Brasil, um guia universitário de profissões aponta a existência de mais de 50 carreiras à disposição do formando de ensino médio que deseja prosseguir seus estudos. A observação das ofertas de cursos e da relação candidato/vaga em determinadas carreiras, principalmente nas universidades públicas, demonstram uma preferência acentuada por determinadas profissões. Os fatores responsáveis pelas preferências são vários como, por exemplo, o prestígio social da profissão, as perspectivas de remuneração e a empregabilidade, entre outros.

O estudo da escolha profissional dos adolescentes é objeto de investigação que inclui tanto aspectos sociológicos quanto psicológicos. A primeira questão a ser considerada é: “a possibilidade de escolha profissional é real?” Gomes (1990) destaca a existência de diferentes concepções sobre a escolha profissional do adolescente. Dentre elas, destacamos a abordagem funcionalista e a do paradigma do conflito. A abordagem funcionalista ressalta, essencialmente, o papel da educação no exercício profissional. Dessa forma, o elemento fundamental para a inserção profissional seria a escolha do indivíduo propiciada pela oferta educacional que obteve. Portanto, quanto maior o acesso do indivíduo ao estudo, maior o leque de profissões a serem escolhidas. A visão funcionalista não toma em consideração os aspectos sociais da família do indivíduo. Já a abordagem de paradigma de conflitos vê esses aspectos como sendo os fatores determinantes nas escolhas profissionais. O acesso à educação não é uma garantia da mobilidade social, uma vez que o processo educação reproduz a estratificação social, levando o

aluno de classes desfavorecidas a não ter possibilidades concretas de mobilidade social. Além disso, como as profissões estão, diretamente, ligadas às exigências educacionais, a inserção profissional não se dá pela escolha individual, mas por fatores relacionados à manutenção do status, devido à rejeição de algo que possa trazer uma mobilidade decendente. Assim, as carreiras profissionais de menor prestígio social são vedadas como escolhas possíveis ao adolescente de classes sociais favorecidas.

Osório (1992) chama de “kafkiano” falar em opções vocacionais para o jovem brasileiro. Ele destaca que a escolha profissional, em termos de possibilidade concreta, é restrita a um número reduzido de adolescentes uma vez que boa parte precisa ingressar no mercado de trabalho precocemente, por razões das dificuldades econômicas. Outro aspecto da escolha profissional é que o adolescente sofre a pressão da classe média para que esta profissão seja de “doutor”. Os resultados observados são um número significativo de alunos desistentes na faculdade por descobrirem que “não era aquilo que queriam”. Muitos têm atribuído esse problema à precocidade do adolescente que fez a escolha de sua profissão. Zagury (1997), no entanto, demonstra que, no caso brasileiro atual, a escolha é feita por volta dos 17 anos, quando, no modelo anterior, as opções já precisavam ser feitas para o ingresso no nível médio. Assim, a dificuldade manifesta na escolha profissional se deve, provavelmente, mais a contradição do discurso da liberdade de escolha profissional apresentado ao adolescente e as pressões sociais por manutenção do status. A pesquisa de Zagury (1997) demonstra que, na percepção dos adolescentes, eles escolhem uma profissão que se permita realizar (41,7%) e a principal influência foi o seu próprio ideal de trabalho (47,7%). Esses dados sugerem que, na percepção do adolescente, a escolha profissional é definida por ele mesmo.

É necessário considerar que, principalmente, entre os adolescentes brasileiros oriundos de classes baixas, a relação com o trabalho se faz muito menos pela escolha profissional do que pela necessidade de trabalho. Sarriera, Câmara e Berlim (2000) identificam, entre esses adolescentes, um grande medo de não conseguir o seu primeiro trabalho e uma grande ansiedade em mantê-lo. Sarriera et al. (2001) observam também um impacto na auto-estima desses adolescentes à medida que eles têm dificuldades para alcançar o seu primeiro trabalho. Esses resultados demonstram que o universo profissional do adolescente é determinado pela classe social em que se insere.

A escolha de adolescentes de classe média como sujeitos da pesquisa se deve, justamente, à percepção própria de que são livres para escolherem sua carreira profissional.

Altruísmo

O altruísmo é um tema de investigação psicológica que tem antecedentes na Teologia e na Filosofia. A influência da religião cristã no pensamento ocidental levou ao desenvolvimento de várias considerações sobre o

altruísmo e o exercício da verdadeira fé. A morte do fundador do cristianismo foi desenvolvida pela teologia cristã como a maior demonstração do amor desinteressado: o altruísmo total e verdadeiro. Comte-Sponville (1996), ao refletir sobre as virtudes, considera o amor (ágape) como o mais elevado ideal. O amor desinteressado e altruísta é o fundamento ideal de uma ética cristã. No entanto, na discussão da base de um acordo social que se tornou uma importante reflexão na Idade Moderna, a relação entre a motivação altruísta ideal e a motivação real foi um tema de grande relevância. O altruísmo, enquanto um ideal ético ou religioso, parece bem distante das relações sociais no cotidiano. A crença de que o bem comum pode ser alcançado apesar das motivações individuais egoístas fundamenta o capitalismo. Ato altruísta parece como ações isoladas. A psicologia, contudo, tenta investigar motivações humanas e verificar se há ou não comportamentos altruístas.

O termo altruísmo, normalmente, está associado, no pensamento cotidiano, ao seu antônimo: egoísmo. Altruísmo e egoísmo podem ser entendidos como motivações básicas dos seres humanos direcionadas, respectivamente, ao outro e a si mesmo (Sober 1989). Embora, em situações cotidianas, exista uma tendência de rotular determinadas pessoas como egoístas ou altruístas, o mais correto é afirmar que essas duas motivações estão presentes no comportamento humano normal. É coerente supor a predominância de um desses pólos motivacionais como uma característica de um sujeito, o que levaria aos rótulos.

Bierhoff, Klein e Kramp (1991), investigando o tema, constataram que o interesse pelo estudo do altruísmo cresceu a partir da década de 1960. Krebs (1970) destaca que, dentro dos principais referenciais teóricos da psicologia da época: comportamentalismo, psicanálise e evolucionismo, todos se fundamentam na concepção do ser humano como egoísta. Em sua ampla revisão do tema, constatou que as pesquisas tinham um protótipo básico de situação altruísta: um benfeitor e um receptor. As características do benfeitor e receptor eram as variáveis sujeitas às investigações. Em resumo, Krebs (1970) identificou quatro aspectos abordados: (1) altruísmo como estado psicológico temporário, (2) altruísmo como um traço de personalidade, (3) altruísmo como comportamento variável em função de sexo, idade e classe social e (4) altruísmo como uma norma social.

O primeiro grupo procurou verificar se a experiência de fracasso ou sucesso do benfeitor ou do receptor estimulava um comportamento altruísta mais frequente. Elas basearam-se na idéia de que não existe um comportamento altruísta no sentido mais comum da palavra, ou seja, uma motivação desinteressada. Os resultados mostraram-se muito divergentes para se chegar a alguma conclusão significativa.

O segundo grupo de estudos procura encontrar a relação entre personalidade e comportamento altruísta. As pesquisas com enfoque nos tipos de personalidade não conseguiram encontrar nenhuma relação entre comportamento de ajuda e um tipo específico de personalidade. No entanto, pesquisas mais recentes, como a de Bierhoff, Klein e Kramp (1991), permi-

tiram concluir que as pessoas com comportamento altruísta apresentam consistência em fatores como forte senso de controle pessoal, crenças elevadas em um mundo justo, pronunciado senso do dever e comportamentos orientados pela empatia. Assim, há elementos na personalidade que cooperam para a manifestação de comportamento altruísta.

O terceiro grupo de pesquisas revistas por Krebs (1970) relacionou as variações de idade, sexo, classe social e cultura na manifestação de comportamentos altruístas. Nesses estudos, a idade não apresentou dados empíricos suficientes para comprovar que o comportamento altruísta aumenta com a idade. As diferenças entre os sexos nos estudos citados foram variadas em relação aos objetos da manifestação do altruísmo e semelhantes na frequência. Mills, Pedersen e Grusec (1989), em um estudo mais recente sobre a variação de gênero na emoção e na razão, não encontraram resultados que pudessem validar diferenças em sentido geral. As dessemelhanças encontradas foram na justificativa dada ao comportamento altruísta, sendo observado, entre as mulheres, um maior índice de respostas relacionadas à empatia como fator para um comportamento altruísta.

Finalizando a revisão de Krebs (1970), o quarto grupo, que relacionava o altruísmo a uma norma social, apresenta resultados interessantes como uma pesquisa que avaliou a expectativa de punição. Quando esta era maior, havia uma maior manifestação do comportamento altruísta. Dentro dessa ampla revisão feita por Krebs, os resultados apresentavam dados sugestivos, mas, evidentemente, restritos por trabalharem, essencialmente, com situações experimentais e observação de comportamento em situações limitadas, partindo de uma dúvida básica: tem o ser humano comportamento altruísta?

Hoffmann (1981) argumenta favoravelmente a existência do altruísmo no ser humano, apesar de que, dentro do referencial da evolução, o altruísmo constitui-se um desafio teórico. E. O. Wilson, ao propor a Sociobiologia, fundamentando nos genes os mais diversos comportamentos sociais de animais, inclui o altruísmo como um comportamento que necessita de ser entendido biologicamente. A sua idéia sobre o altruísmo explica esse comportamento como sendo apenas uma aparência, uma vez que, entre os animais, é possível calcular a vantagem genética do sacrifício em prol daqueles que possuem uma herança genética comum.

A aceitação de que o altruísmo faz parte do comportamento do ser humano leva à necessidade de ser formulada uma teoria que explique o motivo pelo qual ela se encontra presente em um sentido verdadeiro e não apenas aparente. O discurso religioso é, evidentemente, favorável a comportamentos de ajuda ao outro e, aparentemente, pessoas envolvidas em alguma prática religiosa atribuem a si mais comportamentos de auxílio. A razão desse comportamento não é tão evidente, porque essas ações poderiam ter uma motivação egoísta como: evitar sentimentos de culpa, fortalecer a auto-estima ou mesmo escapar do castigo eterno(Batson et alli, 1989).

Para Hoffmann (1981), o altruísmo é próprio da natureza humana. Ele define altruísmo como “*comportamento que promove o bem-estar do outro sem considerar recompensa para si ou sem interesse próprio*” (pg.124). Assim, ele ressalta que o comportamento altruísta se manifesta como sendo um interesse genuíno e desinteressado em relação a outra pessoa. Ele cita algumas evidências que foram coletadas a partir de experiências em situações simuladas e observações de situações naturais: (1) o comportamento altruísta de ajudar o outro é, independente da faixa etária, freqüente; (2) as pessoas são mais propensas a ajudar quando estão sós, do que quando estão sendo observadas; (3) crianças mais seguras emocionalmente são mais prontas a apresentar comportamento de ajuda.

Hoffmann (1981) sugere que o comportamento altruísta é predisposto no ser humano pela empatia. Para ele, a empatia pode ser definida como “*resposta emocional dirigida ao outro, isto é, uma resposta emocional mais apropriada á situação do outro do que á nossa própria.*” (p.128). A empatia pode ser constatada já em crianças de 1 a 2 anos quando choram em resposta ao choro de outra criança. Observa-se, também, a partir da observação de expressão da face, a manifestação de empatia às mais diversas situações.

Hoffmann (1981) defende a empatia como elemento necessário para a motivação altruísta em um comportamento de ajuda. A presença da empatia é encontrada antes da manifestação do comportamento de ajuda e, normalmente, após este comportamento ter sido efetuado, observa-se uma redução da empatia, uma vez que o sujeito ao qual foi dirigida a empatia teve sua situação solucionada. Hoffmann (1990) afirma que, para a compreensão da empatia, precisam ser considerados os seguintes aspectos: (1) modos de empatia afetiva, (2) desenvolvimento do senso cognitivo dos outros, (3) desenvolvimento do nível de empatia, (4) transformação parcial de empatia em simpatia e (5) atribuição de causalidade e forma de sofrimento empático em relação aos efeitos morais. Para ele, o primeiro elemento, modos de empatia afetiva, identifica aquelas variações de expressões de empatia que vão desde as alterações fisionômicas produzidas imediatamente nas pessoas quando percebida uma situação de sofrimento no próximo, até processos mais conscientes de poder-se imaginar no lugar do outro. O segundo elemento, o desenvolvimento do senso cognitivo acerca dos outros, indica a necessidade de estrutura cognitiva de compreensão do sujeito para poder efetuar a avaliação de uma determinada situação. O terceiro elemento, níveis de empatia, é pensado porque se encontra em bebês uma empatia global, já mencionada anteriormente, que é a expressão de choro em função da presença de outro bebê chorando. O quarto elemento, transformação de empatia em simpatia, sugere que o envolvimento mais próximo com o outro coopera para o surgimento da simpatia. Ela é o fundamento de uma relação de proximidade e amizade. O quinto elemento ocorre devido às pessoas refletirem sobre quanto o sofrimento é responsável por essa situação. A empatia é afetada pelas atribuições de responsabilidade pessoal pelo ocorrido.

Dovidio, Schroeder e Allen (1990) também encontram evidências empíricas para relacionar o comportamento altruísta com o sentimento de empatia. Assim, o comportamento altruísta manifestado em comportamentos de ajuda ou pró-social ocorre na medida em que a empatia estiver presente como fator motivador. Para alguns autores, a motivação da empatia seria produzida pelo desejo de reduzir um desconforto pessoal, mas a pesquisa citada não encontrou evidência para entender a empatia apenas como resposta auto-motivada para reduzir o desconforto pessoal.

Smith, Keating e Stotland (1989) põem em dúvida que a motivação altruísta seja fruto da empatia, porque o interesse de auxiliar alguém com problema seria reduzir o próprio desconforto diante da situação. Como observar pessoas em sofrimento causa desconforto, a tendência imediata é auxiliar na resolução desse problema. Na medida em que não estou em contato com o outro, há menor possibilidade de manifestar esse desconforto pessoal, o que evitaria um comportamento de ajuda. Batson et al. (1991) opõem-se à idéia, afirmando que, através de investigações empíricas, é possível confirmar a relação empatia-altruísmo. Assim, o desejo de auxiliar o outro não é apenas o de reduzir o próprio desconforto, mas ocorre por compreender a situação do outro. A reflexão e o sentimento de empatia são percebidos tanto ao observar alguém sofrendo quanto o ouvi-lo sobre isso. Os resultados divergentes sugerem que talvez seja inadequado fazer generalizações para as motivações, uma vez que nem sempre é possível deduzir corretamente a motivação pelo comportamento manifesto. Além do mais, a própria diversidade de experiências pessoais permite que a empatia possa ser identificada como um comportamento tanto para reduzir o próprio sofrimento quanto para aliviar o do outro.

A menção de comportamento de ajuda, empatia e egoísmo demonstram que o tema do altruísmo possui uma fronteira ampla, sugerindo a necessidade de elaborar uma melhor conceituação. Krebs e van Hesteren (1994) apresentam a delimitação de altruísmo que é usada nesta pesquisa. O altruísmo pode ser visto como um contínuo que é definido por dois critérios: feito para o benefício do outro e maximizar o benefício pretendido. Entendendo o altruísmo dessa maneira, eles apresentam os consequentes desse axioma. Em primeiro lugar, um comportamento altruísta fundamenta-se na intenção de ajuda ainda que não seja, do ponto de vista moral, puramente desinteressado. Em segundo, que os comportamentos seguem uma polaridade de altruísta-egoísta. Em terceiro, o altruísmo é uma motivação e não o comportamento em si. Em quarto, nem sempre um ato altruísta envolve risco ou dano para quem o faz. Assim, uma vida comprometida com o atendimento das necessidades de pessoas pobres e o ato de salvar uma pessoa em risco, podem ser entendidos, igualmente, como comportamentos altruístas. Em quinto, o comportamento altruísta também pode trazer benefícios àquele que o tem sem, necessariamente, se tornar uma ação egoísta, uma vez que a relação eu-outros não está sempre em oposição. E, por último, o objetivo do

comportamento altruísta é beneficiar cada vez mais e melhor um número maior de pessoas.

A forma de compreender o altruísmo proposta por Krebs e van Hesteren (1994) fundamenta-se na psicologia do desenvolvimento humano. Eles supõem que o aumento da maturidade e o desenvolvimento das estruturas cognitivas permitem que o altruísmo seja uma experiência em transformação e ampliação na vida de cada ser humano. As estruturas envolvidas no desenvolvimento do altruísmo possibilitam a elaboração de estágios ideais (de altruísmo).

Apresentamos, no Quadro 1, os Estágios de Desenvolvimento do Altruísmo propostos por Krebs e van Hesteren (1994). A análise do quadro permite identificar semelhança com os estágios do desenvolvimento moral proposto por Kohlberg. Essa semelhança não é acidental, pois as duas abordagens fundamentam-se em uma visão desenvolvimentista cognitivista do ser humano.

Quadro 1 - Estágios de Desenvolvimento do Altruísmo

Estágio 0 - Resposta afetivamente indiferenciada.

Comportamentos pró-sociais de manutenção da sobrevivência como sorrir e arrulhar são emitidos reflexivamente em resposta aos estímulos associados com a satisfação das necessidades básicas. O *self* está indiferenciado dos outros. Uma tendência global e indiferenciada a experimentar sinais abertos de afeto em outros regula as reações primitivas de empatia.

Estágio 1 - Acomodação Egocêntrica.

A Acomodação Egocêntrica é orientada principalmente para aliviar experiências desagradáveis dos outros e satisfazer as necessidades de forma segura e efetiva. Essa forma de comportamento pró-social é responsiva às demandas externas e situacionais, especialmente à demanda de autoridade e a sinais abertos de desconforto no outro (p. ex. choro), tendência à acomodação física e material, superficialidade, inadequação e egocentrismo (o indivíduo dá ao outro o que ele gostaria de ganhar). Fazer pedidos, imitar adultos, confortar outros e comportar-se de modo que evoque reações positivas nos outros são as formas mais comuns de ação. As respostas empáticas ao sofrimento do outro são dirigidas para abrandar o próprio desconforto. O objetivo central da acomodação egocêntrica é abrandar a tensão, fazer o que é esperado para cair nas graças de quem tem poder e promover os sentimentos de segurança.

Estágio 2 - Cooperação Instrumental.

A Cooperação Instrumental é dirigida no sentido de fazer alguém partilhar experiências concretas com outros. A aceitação é, principalmente, material e as trocas tendem a ser situacionalmente específicas e reprimidas temporariamente. Essa forma de comportamento pró-social está atenta às necessidades do sujeito, intenções e motivos dos outros, mas principalmente como fatores a serem considerados nas trocas. A cooperação instrumental pode ser conciliadora e cooperativa. Reciprocidade olho por olho é a forma típica. A orientação é individualista e pragmática, mas governada por regras e imparcial, aceitando a reciprocidade de direitos dos outros para maximizar seus ganhos. O objetivo central da cooperação instrumental é dar a fim de ganhar.

Estágio 3 - Altruísmo Mútuo.

O Altruísmo Mútuo é sensível à observação de “outros em geral” e dirigido em partilhar os papéis obrigatórios com satisfação, evitando desaprovação social, mantendo uma boa reputação, preservando os laços de amizade, garantindo um lugar como alguém em grupos, adaptando-se e comportando-se de modo socialmente aceitável. A consciência de “nosso” domina o senso de “meu”: o auto-interesse está assimilado na partilha de interesses e relacionamento. Altruísmo mútuo tende a ser idealista e é guiado por valores tais como: confiança, cuidado (care), amizade, altruísmo, cooperação, lealdade, solidariedade, intimidade e senso de pertencimento. É orientado a satisfazer as necessidades crescentes dos sujeitos com os quais se está vinculado pelas convenções sociais. A força escondida condutora do altruísmo mútuo é sustentar um auto-conceito como uma pessoa boa aos olhos daqueles com quem se identifica.

Estágio 4 - Altruísmo Consciosos.

O Altruísmo Consciosos está orientado para uma satisfação internalizada, obrigações autodefinidas para auxiliar a manutenção das instituições de uma sociedade mesmo quando tais obrigações possam violar as expectativas dos grupos de referência. Essa forma de comportamento pró-social é guiada por um senso interno de responsabilidade social e consciência. O altruísmo consciente é sustentado pelo desejo de manter as normas de guia pessoal e dos outros para fazer sua partilha justa a fim de conservar o sistema social que

fomenta o bem-estar de seus membros (incluindo-se). Ele mantém os valores de consciência, responsabilidade, honra, boa-cidadania que estão baseados em um reconhecimento realista da complexidade do eu, dos outros e das relações sociais. O objetivo central do altruísmo consciente é satisfazer o senso de responsabilidade social internalizado.

Estágio 5 – Altruísmo Autônomo.

A fonte do Altruísmo Autônomo é mais interna do que a fonte de formas prévias baseadas mais em princípios de ordem elevada do que em leis externas, normas ou convenções sociais. Essa forma de altruísmo é guiada por valores sustentados internamente tais como: preservar a dignidade humana, garantir direitos iguais e maximizar benefícios para todos. É fundamentado em uma intensa apreciação das diferenças individuais, cuja mediação promove a tolerância e estende princípios tais como liberdade, igualdade e justiça a todos. O altruísmo autônomo é, ao mesmo tempo, mais minucioso que as formas anteriores - ofertadas somente quando sustentadas em valores pessoais - e mais universal, imparcialmente retribuído aos outros sem tomar em consideração a origem étnica, nacionalidade ou coisa semelhante. O objetivo central do altruísmo autônomo é preservar valores auto-escolhidos e internalizados.

Estágio 6 – Altruísmo Integrado.

Como a dicotomia eu-outro é superada, o senso individual torna-se completamente integrado ao senso de humanidade; o interesse do eu torna-se integrado ao interesse dos outros. Preservar os direitos e o bem-estar final de todas as pessoas, incluindo-se, leva necessariamente a preservar os princípios subjacentes a esses valores. O altruísmo integrado é pró-ativo e direcionado ao serviço da humanidade (da qual o eu é um aspecto significativo, ainda que relativamente pequeno). O altruísmo é guiado por princípios humanitários os quais prescrevem que os indivíduos contribuam em harmonia com suas habilidades e recebem de acordo com suas necessidades. A inevitabilidade de conflitos é reconhecida. As decisões são guiadas por uma autoconsciência aplicada, orientada em termos de procedimentos, apenas por princípios de respeito mútuo, imparcialidade e justiça. A promoção de relações sociais integradas e balanceadas ao máximo é o objetivo central do altruísmo integrado.

Estágio 7 – Altruísmo Universal.

O Altruísmo Universal origina-se a partir de um sentimento místico de unidade com o universo, identificação com a espécie, compaixão ativa para a comunidade geral dos seres, um completo senso de responsabilidade pelo bem-estar e o desenvolvimento de todas as pessoas, especialmente as em desvantagens. O altruísmo do “estágio sete” é sem eu, originando-se do *ágape*, uma ética de amor universal responsável, serviço e sacrifício que estende a outros sem olhar para méritos. Essa forma de altruísmo eleva a dignidade de todos os receptores, o doar entrega-se, livremente, sem exigências de retribuição. O objetivo central do amor universal é criar um mundo não-violento e transformado.

Fonte: Krebs e van Hesteren. 1994.

A análise dos estágios do altruísmo por Krebs e van Hesteren (1994) sugerem, de forma bastante evidente, a existência de um desenvolvimento da motivação altruísta. A aparente discrepância dos resultados das pesquisas anteriores pode ser entendida quando consideramos o modelo desenvolvido por Krebs e van Hesteren, que não está na busca de confirmar a existência de um altruísmo “puro” que faz parte mais de uma justificativa teológica do que uma investigação psicológica. Além disso, a proposta de um desenvolvimento do altruísmo envolve o desenvolvimento cognitivo a que as pessoas estão sujeitas. Os estágios desenvolvidos nessa teoria representam o desenvolvimento das avaliações e intenções mais do que as diferenças de comportamento. Por essa razão, em muitas situações, o comportamento entre um estágio inicial e final apresenta semelhanças, porque ocorreu o comportamento altruísta. A diferença é a motivação.

Os estágios de desenvolvimento motivacional propostos por Krebs e van Hesteren (1994) partem dos seguintes pressupostos sobre o ser humano: (1) o entendimento que as pessoas têm sobre seu mundo social é organizado em função das suas estruturas cognitivas que se desenvolvem em um modo aditivo-inclusivo; (2) formas de pensamento e comportamento resultam de uma dinâmica interação entre estruturas cognitivas, outros processos internos e as demandas e oportunidades das situações; (3) os vários estágios de desenvolvimento cognitivo social propostos por vários teóricos estão baseados em processos paralelos e são, estruturalmente, congruentes e isomórficos; (4) as estruturas dos estágios predis põem as pessoas a se engajarem em estruturas isomórficas de comportamento pró-social; (5) cada estágio sucessivo do altruísmo encontra-se mais próximo do critério ideal e (6) a relação entre os estágios e comportamento altruísta é mediada pelos processos cognitivos e afetivos.

Os estudos investigando as relações do altruísmo com outros fatores trazem algumas reflexões importantes. Ma (1992) investigou a relação entre o desenvolvimento moral e o comportamento altruísta. Como era esperado, há uma relação entre os estágios de desenvolvimento moral mais elevado e a manifestação de comportamentos altruístas. Os resultados mais detalhados mostram que, em relação aos parentes próximos e a pessoas com vantagens físicas (ex. deficiente visual), não houve diferença significativa em função do desenvolvimento moral mas, na medida em que o outro era mais distante hierarquicamente nas relações pessoais, o fator de desenvolvimento moral foi percebido como necessário para a manifestação de um comportamento altruísta. Outro dado interessante, vem da investigação da motivação para o trabalho voluntário. Esse fenômeno tem sido mais comum em alguns países do mundo e tem apresentado um crescimento significativo no Brasil nos últimos anos. Uma investigação conduzida por Unger (1990) evidenciou que o altruísmo é uma importante motivação para o trabalho voluntário, mas não o único. A escolha profissional também sofre influência de uma motivação altruísta, pelo menos em algumas carreiras. Serow (1993) comenta a dificuldade de verificar a presença de elementos altruístas na escolha profissional devido à presença de um altruísmo institucionalizado, que é a pressão social para determinados comportamentos considerados mais elevados. Além disso, é difícil encontrar o elemento mais significativo para a escolha profissional, uma vez que há vários elementos presentes nessa decisão. Na investigação feita por Serow (1993) entre pessoas que escolheram o magistério como uma nova opção de trabalho, ele não encontrou elementos que pudessem indicar um impulso altruísta que conduzisse ao ensino, embora um número significativo sugeriu a experiência de instruir crianças e adolescentes como a razão de sua nova escolha.

Em suma, pode-se observar o desdobramento do altruísmo além de uma dimensão de auxiliar alguém em desconforto ou sofrimento, mas como um motivo, como apresenta Krebs e van Hesteren, que impulsiona os mais diversos aspectos da vida humana. A investigação dessa motivação entre adolescentes na escolha profissional é um fator relevante quando se sabe que a religião cristã dá grande ênfase sobre o comportamento de ajuda. É oportuno investigar se escolas cristãs, com forte ênfase no ensino religioso e nos valores eclesiais, estimulam os adolescentes a optarem por carreiras mais “humanitárias”.

Metodologia

A pesquisa foi feita entre 94 adolescentes de duas escolas confessionais evangélicas da região sul do município de São Paulo. Essas escolas apresentam, em seu currículo, uma grande quantidade de aulas de ensino religioso e desenvolvem, também, atividades religiosas no início de todas as aulas. Além disso, há duas semanas especiais com culto para os alunos e incentivo ao recebimento de estudos bíblicos extraclasse. O perfil

dos alunos dessas escolas é predominantemente de classe média, constituindo-se de alunos privilegiados em termos socioeconômicos na região onde vivem.

Os alunos entrevistados eram do segundo e terceiro anos do ensino médio e foi solicitado a todos das classes escolhidas que respondessem ao questionário. Como variáveis de estudo, foi solicitada a identificação da formação religiosa, idade e sexo. As questões procuraram identificar a escolha profissional do adolescente, investigar os fatores que o levaram a isso e relacionar o conceito de altruísmo a profissões.

Resultados e Discussões

Os resultados encontrados demonstram que, mesmo diante de uma formação religiosa familiar e escolar, os fatores sociais da escolha profissional são predominantes. O perfil da nossa amostra é o seguinte: a) quanto ao sexo, foram 38,3% de rapazes e 59,6% de moças, sendo que 2,1% não preencheram esse item; b) quanto à idade, a quase totalidade estava entre 16 e 17 anos; c) quanto à formação religiosa, podem ser agrupados como evangélicos (44,7%), católicos (33 %), outros cristãos (2,1%), religiões orientais (1,1%) e sem religião (19,1%).

A apresentação dos resultados considera primeiro a relação do adolescente com a escolha profissional e depois a relação para com o altruísmo na profissão.

Adolescente e a Escolha Profissional

Tabela 1 - Grau de Dificuldade para Escolha da Profissão entre Adolescentes

Dificuldade para Escolha	Sujeitos	%
Fácil	19	20,2
Médio	29	30,9
Difícil	10	10,6
Não escolheu ainda	36	38,3
TOTAL	94	100

Os resultados a respeito da dificuldade percebida pelo adolescente na escolha profissional indicam que havia um grupo expressivo que ainda não escolhera a profissão (38,3%), o que sugere a dificuldade dessa experiência, embora dos que já haviam escolhido a profissão apenas 10,6% considerassem a escolha difícil. Comparando o grau de dificuldade percebida pelo adolescente e a carreira profissional, um fato significativo foi a constatação de que apenas 3 dos 18 indivíduos que consideraram a escolha fácil optaram

por carreiras fora do trio tradicional: Direito, Medicina e Engenharia. Esse resultado sugere que, quando o adolescente prefere as carreiras de maior prestígio social, a escolha fica facilitada. Pode-se inferir, a partir desse e de outros resultados relacionados, que o adolescente que tem dificuldade de escolher é aquele que está menos afinado com as carreiras de maior prestígio social.

Na busca de identificar se o fator “pressão social” é exercido pelos pais ou pelos colegas, foram propostas duas questões verificando o quanto o adolescente, conscientemente, atribui aos pais e aos colegas o papel de pressão na escolha profissional. Os resultados estão apresentados nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2 - Posição dos pais em relação à profissão escolhida na percepção dos adolescentes

Posição dos pares	Sujeitos	%
Estão de acordo com o que eles pensam que daria certo para você	50	53,2
Estão de acordo com o que eles pensam ser a(s) melhor(es) opções de profissão	3	3,2
Não se manifestaram sobre o assunto	21	22,3
Estão em desacordo, porque acham que você deveria fazer algo melhor.	2	2,1
Estão em desacordo, porque acham que a opção não combina com você	1	1,1
Algumas opções agradam-nos e outras, não	17	18,1
TOTAL	94	100

A resposta mais significativa foi o percentual considerável de que 18,1 % dos pais não se manifestaram sobre a escolha profissional dos filhos, enquanto apenas 4,3 % disseram que a carreira escolhida era a que os pais queriam, embora não tenha sido indicado pela pergunta se a decisão profissional foi tomada pelos pais diretamente. É expressivo o resultado que 59,1% dos entrevistados afirmaram que a profissão escolhida ou as opções em exame agradaram bastante os pais. Assim, supõe-se, então, que a influência da família na decisão profissional ajude a manter certas dúvidas. Um dado que merece consideração é o de que nenhum identificou rejeição por parte dos pais pela profissão escolhida.

Tabela 3 - Posição dos pares quanto à escolha profissional na percepção dos adolescentes

Influência	Sujeitos	%
Profundo e intenso	11	11,7
Parcial	28	29,8
Nenhum, não misturei as coisas	49	52,1
Não responderam	6	6,4
Total	94	100

Aparentemente, os pares não exercem mais influências que os pais, embora, em alguns casos isolados, observamos desaprovação aberta daqueles. Entre os que ainda não optaram pelo curso a ser feito, percebe-se melhor que os colegas concordam com algumas escolhas e discordam de outras; isso sugere que o adolescente indeciso está assim, porque seus colegas exercem uma influência sobre as expectativas profissionais desejáveis.

Como a pesquisa desejava investigar o altruísmo como motivação presente em função da experiência religiosa, verificou-se a influência atribuída à religião para a escolha profissional.

Tabela 4 - Influência do fator religioso na escolha profissional pessoal na percepção dos adolescentes

Posição dos pais	Sujeitos	%
Era exatamente o que queriam	4	4,3
Agradaram-se bastante	56	59,6
Agradaram-se pouco	5	5,3
Não aceitaram e/ou não se agradaram	0	0
Não se manifestaram a respeito	17	18,1
Algumas os agradaram e outras, não	10	10,6
Não responderam	2	2,1
TOTAL	94	100

Esses resultados apontam para uma influência parcial (29,8%), ou nenhuma (52,1%) e são bastante significativos quando consideramos que aproximadamente 80% da amostra se identificaram como pertencendo a alguma confissão religiosa e todos freqüentam escolas confessionais com presença de ensino religioso formal.

Considerando a existência de outros fatores, propôs-se ao adolescente que ordenasse do mais importante ao menos importante, cinco razões para a sua escolha profissional. Os fatores propostos foram: empregabilidade,

rentabilidade, realização profissional, caráter pró-social e adequação ao valor da Igreja. Os resultados estão apresentados na tabela 5.

Tabela 5.- Posicionamento dos adolescentes quanto aos fatores de influência na escolha profissional.

Fatores	1	2	3	4	5
Possibilidade de conseguir emprego após formado	13 20,7	29 31,5	28 30,4	15 16,3	6 6,5
Possibilidade de boa remuneração e/ou fama	7 7,6	13 14,1	10 10,9	26 28,3	28 30,4
Possibilidade de realização pessoal	50 54,3	22 23,9	11 12	6 6,5	1 1,1
Possibilidade de atuar em favor do bem-estar da sociedade	7 7,6	14 15,2	24 26,1	25 27,2	17 18,5
Possibilidade de agir em conformidade com os valores religiosos da Igreja	15 16,3	7 7,6	11 12	20 21,7	38 41,3

O fator realização pessoal apareceu em primeiro lugar, indicado por 54,3% dos adolescentes. O resultado é semelhante à pesquisa de Zagurty (1997) quando cerca de 47,7% apontam a escolha profissional como meio de realização pessoal. O resultado sugere que a profissão é percebida como elemento necessário à realização pessoal. Para uma melhor avaliação da hierarquia dos fatores percebidos pelos adolescentes, foi elaborada uma média ponderada para cada fator. A ordem obtida foi do mais para o menos importante: realização pessoal, empregabilidade, atuação em favor da sociedade, adequação aos valores eclesiais e rentabilidade. Entre os fatores, é importante ressaltar que a conformidade com os valores da Igreja foi relacionada por 41,3% dos adolescentes como o menos importante; no entanto, por outro lado, 16,3%, relacionaram-no em primeiro lugar, permitindo que, na média ponderada dos fatores, ele ficasse à frente do item de rentabilidade do trabalho. No entanto, quando é feita a análise das carreiras escolhidas, percebe-se que as carreiras mais escolhidas, Medicina, Direito e Engenharia, apresentam possibilidade de boa remuneração. Na tabela 6, os resultados das escolhas estão apresentados por áreas profissionais. Nessa classificação, a área de Humanas, foi dividida em Negócios, em que se incluem Administração, Direito, Comunicação Social; e Humanas, propriamente dita, em que estão incluídos Serviço Social, Pedagogia, Psicologia, Ciências Sociais e carreiras artísticas.

Tabela 6. Áreas de Escolha Profissional entre Adolescentes já Decididos (N=47)

Área Profissional	Sujeitos	%
Negócios	12	25,5
Humanas	2	4,3
Exatas	16	34,0
Biomédicas	17	36,2

As respostas dos decididos apontam uma parcela pouco expressiva para a área de Humanas, e um percentual bem maior para as Biomédicas. É fundamental ressaltar que, dentre os sujeitos que optaram pela carreira de Biomédicas, a Medicina foi a primeira colocada. Na área de Negócios, a primeira colocada foi Direito e, na área de Exatas, foi Engenharia. Esse quadro sugere a manutenção das carreiras profissionais mais tradicionais.

Na análise dos indecisos, temos dados significativos. Um dos aspectos que nos chamou a atenção foi a presença de áreas profissionais totalmente distintas sendo avaliadas, levando em conta que uma está sempre dentro do molde clássico das profissões de prestígio. Embora tenhamos encontrado apenas um indeciso entre Direito, Medicina e Engenharia, o perfil de dúvida entre as áreas distintas compõe cerca de 43,5% dos entrevistados. A dúvida entre áreas totalmente distintas, com a presença de pelo menos uma área de prestígio ou de boa remuneração em oposição a outras áreas menos prestigiadas, pode ser compreendida como dificuldade de se estabelecer escolhas profissionais fora do padrão aceitável dominante. Esses dados representam o fator social presente na expectativa profissional. Esse resultado é esperado quando consideramos o que Bourdieu (1987) analisa a respeito das profissões como possibilidade de sonhos de ascensão social e, ao mesmo tempo, manutenção da ordem social. Dessa forma, considerando que os adolescentes entrevistados são de classe média, percebe-se a expectativa de escolha profissional que produza, de preferência, uma ascensão social ou, pelo menos, manutenção do *status quo*, que pode ficar em risco nas áreas menos prestigiadas.

Altruísmo e Profissão

Dentre os itens relacionados a profissão e altruísmo, foi possível observar que dentro da comunidade investigada, tanto as profissões da área de saúde como as da área de humanas são essencialmente relacionadas a comportamentos altruístas.

Tabela 7 - Relação de Profissão e Altruísmo por Áreas na percepção dos adolescentes.

Áreas Profissionais	Indicações	%
Negócios	34	8,2
Humanas	171	40,8
Biológicas	207	49,4
Exatas	6	1,5

Obs. Cada sujeito podia fazer 5 indicações e 84 fizeram as indicações.

Esses resultados são bastante significativos quando constatamos que, isoladamente, a carreira de Medicina recebeu 74 indicações, ou seja, aproximadamente 89% dos entrevistados associam esta carreira a uma opção altruísta. A segunda e a terceira carreiras mais associadas ao comportamento altruísta foram Psicologia e Serviço Social.

Tem-se atribuído um caráter altruísta ao magistério como um todo. No entanto, a carreira mais ligada ao magistério, Pedagogia, foi citada apenas por 25% dos entrevistados. Somando as carreiras Biologia, Física, Letras e semelhantes ao magistério, obtêm-se o mesmo número de indicações que para Serviço Social. No entanto, é importante lembrar que, no caso das carreiras de magistério, algumas opções foram indicadas pelos mesmos sujeitos, o que sugere que o magistério não está sendo percebido tão intensamente como uma carreira relacionada ao altruísmo.

Entre os dados coletados, consideramos o mais significativo a posição que a carreira de Medicina exerce ainda sobre o imaginário do adolescente como uma profissão de ajuda. A carreira de Teologia foi percebida por 43% dos entrevistados como uma profissão relacionada ao altruísmo, o que é um resultado esperado, considerando que os colégios apresentam uma forte ênfase no serviço religioso e têm uma clientela majoritariamente religiosa, em que 80% declaram-se filiados a uma comunidade religiosa.

Foram apresentados aos adolescentes dois dilemas profissionais. O primeiro apresentava uma escolha sugerindo uma profissão motivada por questões altruístas e associada à baixa remuneração. O outro apresentava uma escolha profissional sugerindo que a motivação tivesse sido absolutamente egoísta, pensando apenas na remuneração e no prestígio da profissão. A posição dos adolescentes, diante dos dilemas, apresentou alguns aspectos significativos para a compreensão do fator altruísmo. As situações estão apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Dilemas Apresentados para Avaliação dos Adolescentes

Situação 1 - JOB estava em dúvida sobre a carreira profissional. Fez um teste que indicou ter ele duas grandes aptidões: uma de liderança e outra de sensibilidade humana. Havia algumas carreiras indicadas como: Administração, Direito, Comunicação Social e Serviço Social, entre outras. Refletindo, ele avaliou que a melhor carreira era Serviço Social, porque nela poderia ajudar mais os semelhantes. O que você pensa da escolha de JOB?

Situação 2 - MATT estava em dúvida sobre a carreira profissional. Buscando com os colegas, professores e os pais orientações a respeito, chegou à conclusão de que deveria fazer uma escolha que trouxesse vantagem econômica para ele. Alguns mostravam as vantagens que um advogado ou um médico têm na sociedade. Sendo assim, ele avaliou e chegou à conclusão de que a melhor carreira, no momento, para os seus objetivos, era Publicidade e Propaganda. O que você pensa da escolha de MATT?

Os resultados sugerem um grau de concordância com a presença da motivação altruísta, embora apenas um grupo pouco expressivo de 13,8% faria o mesmo.

Tabela 8 - Posicionamento dos adolescentes diante da Situação 1

Posição	Sujeitos	%
Concordância com a decisão e faria o mesmo	13	13,8
Concordância com a decisão, mas faria diferente	37	39,4
Não concorda, nem discorda	23	24,5
Discordância, porque está escolhendo a carreira pelo motivo errado	5	5,3
Discordância, porque poderia fazer outra escolha	12	12,8
Não respondeu	3	3,2

Observa-se que a metade dos sujeitos entrevistados apresenta concordância com a opção por uma carreira pró-social e de menor rentabilidade financeira. Considerando os resultados apresentados na tabela 3, é importante ressaltar que esses resultados refletem, provavelmente, mais um sentimento de respeito à posição do colega do que aceitação do valor considerado. O perfil desse sujeito que concorda integralmente foi analisado com mais pro-

fundidade. Observou-se que a formação e filiação religiosas seguiram a mesma distribuição que a amostra geral; portanto, parece que a adesão à confissão religiosa não foi um fator determinante para concordar com a carreira que sugere uma motivação altruísta. Entre aqueles que discordavam da decisão, também não foi possível relacionar a relevância do fator religioso.

Os resultados em relação a uma motivação egoísta explícita apresentaram a maioria das respostas de não-posicionamento, nem de concordância nem de discordância. Esse resultado sugere uma demonstração de maior dificuldade em criticar comportamentos; no entanto, apresentou um percentual maior de concordância total que a situação anterior.

Tabela 9 - Posicionamento dos adolescentes diante da situação 2.

Posição	Sujeitos	%
Concordância com a decisão e faria o mesmo	17	18,1
Concordância com a decisão, mas faria diferente	12	12,8
Não concorda, nem discorda	41	43,6
Discordância, porque está escolhendo a carreira pelo motivo errado	17	18,1
Discordância, porque poderia fazer outra escolha	5	5,3
Não respondeu	3	3,2

Assim, o motivo econômico foi assumido por cerca de 18% como sendo seu também. Esse resultado está coerente com a opção de fatores em que cerca de 21% colocaram a questão da remuneração como fator número um ou número dois para escolha da profissão.

Dentro da investigação efetuada, os dados sugerem que a imagem do altruísmo parece intimamente ligada às situações do cuidar. Os profissionais da área de saúde foram os mais identificados como altruístas. Isso pode ser explicado pelo fato desses adolescentes, sujeitos à grande influência formal da religião cristã, estarem, provavelmente, familiarizados com a figura do “bom samaritano”. Essa parábola, relatada no Evangelho de Lucas, representa um dos pontos mais importantes da teologia prática cristã. Por essa razão, provavelmente, as profissões de saúde, que “cuidam” dos doentes, foram estreitamente ligadas à motivação altruísta.

Se considerássemos os estágios propostos por Krebs e van Hesteren sobre o altruísmo, deveríamos esperar encontrar as decisões profissionais sendo tomadas por motivos que pudessem ser enquadrados dentro das moti-

vações dos estágios 3 e 4, que corresponderiam aproximadamente ao pensamento do adolescente. Quando Krebs e van Hesteren (1994, vide Quadro 1) sugerem que, no estágio 3, encontramos uma motivação de ser visto como bom socialmente, podemos perceber que essa motivação está presente no adolescente, de um modo geral, na escolha profissional. Embora a motivação percebida como predominante seja justamente a de satisfação pessoal com as escolhas profissionais, normalmente se ajustam às profissões de maior prestígio. Essa situação pode ser entendida como evidência de uma motivação de busca por aprovação social. Além disso, no caso da investigação, um pouco mais da metade demonstra valorizar medianamente o aspecto pró-social na escolha profissional. Essa posição indica a necessidade de aprovação social por parte do adolescente e evidencia o estágio de desenvolvimento altruísta apresentado.

No entanto, o estágio 4, que trata de uma motivação a partir de uma responsabilidade social internalizada, não parece, ainda, presente na motivação da escolha profissional. Assim, dentro de um desenvolvimento moral do sujeito que orienta o trabalho de Krebs, pode-se identificar que o nível de altruísmo presente nos adolescentes pesquisados é do estágio 3. Esse resultado é esperado diante do referencial desenvolvimento moral de Kohlberg (1984), em que os adolescentes devem estar entre o estágio 3 e 4, que são caracterizados por estarem no nível convencional. Escolhas puramente de caráter econômico foram consideradas de menor importância, embora, no caso da situação 2, tenha sido possível observar que alguns adolescentes escolhem a profissão puramente em termos econômicos. Esse tipo de pensamento pode ser visto, talvez, como sinal de imaturidade, na medida em que a incompatibilidade do sujeito para com a profissão impossibilita o sucesso pessoal. Pode, também, ser pensado como resultado de uma sociedade que tem valorizado cada vez mais o material em detrimento de outros valores.

Considerações Finais

O altruísmo, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento moral como idealizado por Krebs e van Hesteren, pode ser encontrado no estágio previsto da escolha profissional dos adolescentes, embora esse resultado não seja totalmente uniforme. Pode-se constatar, também, que o imaginário do adolescente em relação a uma profissão altruísta está intimamente ligado à figura do médico, que pode ser entendida, em parte, devido ao prestígio social da profissão e ao fato da parábola do bom samaritano propor uma idealização do cuidado. O adolescente tem dificuldade em exercer profissões que fujam das carreiras de maior prestígio social, demonstrando que, mesmo dentro de referenciais religiosos bem presentes como agentes educacionais, o fator econômico e social das profissões é que atrai um maior número de adolescentes de classe média.

REFERÊNCIAS

- BATSON, C.D. et alli . Religious Prosocial Motivation: Is It Altruistic or Egoistic? . *Journal of Personality and Social Psychology*. 1989. vol.57.n.5. 873-884.
- BATSON, C. D. Et alli. Empatic Joy and the Empathy-Altruism Hypothesis. *Journal od Personality and Social Psychology*. 1991. Vol. 61. N.3, 413-426.
- BIERHOFF, H.W. , Klein, R. & Kramp, P. . Evidence for the Altruistic Personality from Data on Accident Research. *Journal of Personality*. 59:2 , June 1991 .263-280.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. S; Paulo, Perspetiva, 1987.
- COMTE-SPONVILLE, André. Pequeno Trtado das Grandes Virtudes. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- DOVIDIO, J.F. , Allen, J. L. and Schroeder, D.A. Specificity of Empathy-Induced Helping: Evidence for Altruistic Motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1990. vol.59.n.2. 249-260.
- GOMES, Candido Alberto. O Jovem e o Desafio do Trabalho. São Paulo, E.P.U., 1990.
- HOFFMANN, M. L. . Is Altruism Part of Human Nature? . *Journal of Personality and Social Psychology*. 1981. vol. 40 n.1. 121-137.
- HOFFMANN, M.L. - Empathy and Justice Motivation. *Motivation and Emotion*, 1990, vol. 14. n.2. 151-171.
- KREBS, Dennis. Altruism - An Examination of the Concept and a Review of the Literature. *Psychological Bulletin*, 1970, vol.73. n.4. 258-302.
- KREBS, D. & Van Hesteren, F. . The Deveopment of Altruism: Toward an Integrative Model. *Developmental Review*, 1994, 14, 103-158.
- MA, Hing Keung. The Relation of Altruistic Orientation to Human Relationships and Moral Judgment in Chinese People. 1992, *International Journal of Psychology*, 27 (6), 377-400.
- MILLS, Rosemary, Pederesen, Jan; Grusec J. E. Sex Differences in Reasoning and Emotion About Altruism. *Sex Roles*. , 1989m vol 20 ns 11/12.
- MOORE, Bert S. The Origins and Development of Empathy. *Motivation and Emotion*, 1990, vol. 14, n.2. 75-79.
- OSORIO, Luiz Carlos. Adolescente: hoje. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992. 2 ed.
- SARRIERA, Jorge Castellá, Câmara, Sheila Gonçalves, Berlim, Cynthia Schwarcz.,Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. In. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2000, Vol.13. N.1..
- SARRIERA, Jorge Castella et al. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*.2001, vol. 6. N. 1 jan/jun.

SEROW, Robert C. Why Teach?: Altruism and Career Choice among nontraditional recruits to teaching. In. Journal of Research and Development in Education. 1993, vol. 25, n.4 summer. p.197-204.

SMITH, K. et al. Altruism Reconsidered: The Effect of Denying Feedback on a Victim's Status to Empathic Witnesses. Journal of Personality and Social Psychology. 1989. vol.57. n.4., 641-650.

SOBER, E. What is Psychological Egoism? . Behaviorism, 1989, Fall, vol.17. n.2. 89-102.

UNGER, Lynette S. Altruism as a motivation to volunteer. Journal of Economic Psychology. 1991. vol.12. 71-100.

ZAGURY, Tania. O Adolescente por Ele Mesmo. Rio de Janeiro, Record, 1997.

Haller Elinar Stach Schünemann é Professor de Psicologia e Filosofia da Educação no UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo). Formado em Pedagogia e Teologia, com Mestrado em Psicologia Escolar, pela USP e Doutorado em Ciências Sociais e Religião, pela UMESP. Coordena a área de pesquisa e de TCC no curso de Pedagogia da mesma instituição. Tem artigos publicados na área de educação e religião.

E-mail: haller.elinar@terra.com.br
